



A ÁGUA E OS RIOS: A HIGIENE NO JORNAL DO ARACAJU (1871-1875)¹

Priscilla Kelly Figueiredo
Marialda Santana Pereira

RESUMO

Tal pesquisa problematiza as práticas de higiene relacionadas à água e aos rios na Cidade de Aracaju tomando como fonte o Jornal do Aracaju. Tal periódico foi estudado de 1871 a 1875. No jornal ficam evidentes as práticas educativas previstas aos corpos dos aracajuanos no tocante à higiene e a salubridade, levando em consideração a importância dada à água na trajetória da constituição da história da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Aracaju, água, hygiene.

INTRODUÇÃO

Aracaju, uma cidade estuária, nasce institucionalmente em 17 de março de 1855 cercada por dois grandes rios, Poxim e Sergipe. Rios de grande importância para o seu desenvolvimento desde o comércio até as manifestações religiosas. Dos rios nasce uma cidade com a finalidade de ser uma capital moderna; planejada, construída e pensada, visando à importância e a necessidade da água para o desenvolvimento de todo o estado. O rio Sergipe torna-se importante para o desenvolvimento do comércio, exportação e importação de produtos.

A antiga capital do estado de Sergipe, São Cristóvão, não mais atendia aos anseios de modernidade e progresso, elementos valorizados nas então capitais planejadas pelo país. São Cristóvão não possuía saneamento básico, abastecimento de água e condições de estrutura portuária para atender a demanda de exportações. O rio Paramopama que banhava a então capital de São Cristóvão não oferecia boas condições de navegação, sendo realizadas então todas as embarcações através do Rio Sergipe. Os caminhos econômicos do rio foi argumento forte para a transferência da capital para “Aracaju de Cotinguiba” como era chamada até então. Com a água dos rios do qual existia o nascimento de um sonho de progresso, agora é visto como transmissor de epidemias, causando uma destruição de grande porte, não somente no que se refere ao desenvolvimento do comércio, mas principalmente impactando

¹ O presente trabalho contou com apoio financeiro do PIBIC/2011 e PIIC/2012 da UFS finalizado em julho de 2012 no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. Este trabalho é capítulo da pesquisa “Os caminhos da água no Jornal do Aracaju (1871-1875): higiene, doenças e divertimento na capital de Sergipe” vinculada ao CEMEFEL: Centro de memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer de Sergipe/UFS

diretamente na vida e nos corpos dos sujeitos. De efeito devastador o cólera-morbo, atingiu inúmeros cidadãos, de várias classes sociais, levando-os a óbito e deixando um número também elevado de órfãos e mendigos.

Ao pensar a necessidade de limpar e organizar uma cidade que nasce do sonho de ser moderna há diversos investimentos que requer investigações sobre quais seriam as práticas disseminadas através do Jornal do Aracaju no processo de higiene para uma dada educação do corpo através da água.

OBJETIVOS

Problematizar as práticas e discursos relativos à água e ao corpo em Aracaju narrando histórias da educação do corpo nos espaços urbanos relativas à higiene a partir do Jornal do Aracaju. Compreender historicamente os processos de apropriação da água pelos sujeitos na constituição do espaço da cidade e de seu processo de urbanização. Relacionar a história da constituição da cidade de Aracaju com o projeto de modernização bem como a intencionalidade dos usos a água a partir das fontes documentais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As escolhas metodológicas da pesquisa tem o desafio de “fazer lembrar” como aponta Goellner (2007), entendendo que ao contar sobre um tempo que já não é mais, a história pode “celebrar” o que deve ser lembrado quanto “invisibilizar” o que deve ser esquecido. A opção metodológica aqui deseja narrar um passado e suas construções sociais e culturais relativas à água em Aracaju a partir do Jornal do Aracaju. A escolha do recorte temporal é de 1871 a 1875, período demarcado para a análise das fontes, as quais foram coletadas e organizadas no formato de “Guia de fontes” a acerca dos temas: água, doença, divertimento e higiene. Tal escolha remete à priori à conformação e a institucionalização de uma série de práticas, dentre elas a higiene.

O JORNAL DO ARACAJU

O Jornal do Aracaju² periódico aqui estudado circulou na capital de Sergipe entre os anos de 1870 a 1879. Foi um noticiário impresso de propriedade do Bacharel Manoel de

² TYP. DO JORNAL DO ARACAJÚ – RUA DE JAPARATUBA – IMPRESSOR HERMES PAULINO DA COSTA (Jornal do Aracaju, 05 de março de 1873). o Dr. Manuel Luís Azevedo D’Araújo, era Inspetor-Geral da Instrução homem talentoso, conhecedor das teorias educacionais mais avançadas da época como as de Pestalozzi, Basedow, Natigel, entre outros. Por sua cultura e atuação pode figurar entre aqueles que, no Brasil da época, consituíam os “Homens de Ilustração”, possuidores

Azevedo D'Araújo, jornalista, deputado, diretor da Instrução Pública de Sergipe e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Ele foi o fundador do jornal em 1870 e também o seu editor até o ano de 1875³.

A educação dos sujeitos era ação prioritária na visão de Manoel Luís Azevedo D'Araújo. O Jornal do Aracaju foi um dos meios de relatar, denunciar e problematizar o que acontecia na cidade tendo como finalidade maior permitir ao aracajuano o acesso ao conhecimento. Suas intenções educacionais também se manifestam com clareza, através dos anúncios dos “Códigos de Posturas”, as notícias sobre as novidades e mudanças no sistema de ensino e as distintas novidades que surgiam no Brasil e no mundo. Permitia aos sujeitos aracajuanos manterem-se atualizados com as notícias do presente.

O Jornal do Aracaju segundo VAINFAS (2002) assemelhava-se a Gazeta do Rio de Janeiro, que era uma espécie de folha oficial; dava notícias dos acontecimentos na Europa, transcrevia atos do governo e trazia anúncios. O Jornal do Aracaju era composto por duas folhas, e através delas é fácil perceber as intenções de quem as editava. Sendo o proprietário Manoel Luiz Azevedo D'Araújo funcionário do governo, tentava retratar em suas páginas e edições, o zelo com a cidade e a luta pela organização da mesma para a consumação do Plano Pirro⁴. Era visível a divulgação das ações do Governo Provincial, pois estas estavam sempre editadas na primeira página do jornal, ocupando a Parte Oficial.

Outra contribuição ímpar do citado jornal era divulgar para a população todas as leis/medidas elaboradas pelos vereadores, possibilitando torná-los cientes das mudanças que surgiam em torno das práticas higiênicas em Aracaju. Educar a população nos diversos assuntos relacionados a higiene e a cidade era intenção descrita nas “Posturas”.

ARACAJU NAS ONDAS DA SALUBRIDADE: PERCORRENDO OS CAMINHOS DA HIGIENE NA CAPITAL.

No local aonde foi instituída a cidade já haviam habitantes em pequenas casas de palha, excluídos do então processo de modernidade devido ao alto custo dos terrenos e dos aluguéis das casas que estavam sendo construídas para os novos moradores.

de uma cultura calcada nas filosofias de fundo liberal e cientista, o Positivismo, o Evolucionismo Spenceriano, o Naturalismo, o Pragmatismo. Buscando elevar o país “ao nível do século”, sobretudo acreditavam elas no papel da educação como força modificadora da sociedade (NUNES, 2008, p. 111)

³ A presente pesquisa utilizará como fonte de estudo apenas o período entre 1871 a 1875 do citado jornal.

⁴ Sebastião José Basílio Pirro, engenheiro militar, foi contratado pela Província de Sergipe para levantar a Planta da cidade de Aracaju e edificar muitos dos seus edifícios públicos.

Há alguns indícios de recomendações médicas relativas à moradia, acreditando-se que as casas de palhas seriam ponto de acúmulo da doença e sendo bastante criticado pelo médico alemão Robert Avé-Lallemant em visita a Aracaju em 1859.

A salubridade das habitações era um item muito preocupante, sobretudo à época. Pois entre setembro de 1855 e fevereiro de 1856 Sergipe foi atacado pela epidemia de cólera; a mais grave de sua história. Cerca de 23% da população foi dizimada. Naquele período, não se conhecia a cura definitiva da moléstia. Segundo o saber médico de então, moradias de palhas eram consideradas focos de doença. Entende-se assim, porque o presidente da província temia pelo “risco de vida” dos empregados públicos no relatório de 1856. (CARDOSO, 2003, p. 113).

A população fazia uso de dois tipos de água que eram vendidas das fontes pelas ruas da capital; uma de coloração avermelhada e outra transparente. Os menos favorecidos canalizavam água nas moradias com a utilização de tubos de ferro que possuíam em sua extremidade crivos de bronze e assim faziam a retirada da água do solo, esta bastante imprópria para beber. Por isto havia distribuição de água em barris escolhida pelo gosto do freguês.

Quanto à higiene dos banhos, há diferentes hábitos e formatos da comunidade em geral: banhos pagos a proprietários de fontes espalhadas pela cidade que variavam de acordo com o poder aquisitivo da população, pois a coleta de água se dava através de fontes que por sua vez era um negócio de boa rentabilidade. Os banhos públicos eram dispendiosos para os populares pelo seu alto custo, (cerca de quarenta réis somente para banhar-se) e, se o banhista preferisse pagaria um pouco mais, cerca de sessenta réis e teria direito a receber um pedaço de sabão de alcatrão para lavar-se. A presença do hábito do banho por parte da população, também continha sinais de apropriação dos mesmos de forma lúdica.

Os sujeitos mais favorecidos economicamente faziam usos de banhos em banheiros públicos bem diferentes, com água de melhor qualidade que as águas oferecidas pela cidade, com excelente aparência e sua decoração exuberante exibia até retratos pintados á óleo. Trazendo rentabilidade para a Prefeitura da Capital e para o dono do mais fabuloso negócio.

O banheiro da elite, todavia, era o de Miguel da Mota Maia, localizado, exatamente, no fundo do prédio, pertencente, hoje, ao Dr. Ávila Nabuco. Miguel da Mota possuía um grupo de cinco banheiros, equipados, todos, com ótimos chuveiros, de onde jorrava água cristalina, coisa rara na época. As paredes internas desses banheiros - Ó supremo luxo, ó conforto exagerado – eram pintadas a óleo! Surgiu a esse tempo, no Rio de Janeiro, a notícia de um homem, que por malvadez, montou de espora em sua própria mãe. Por êsse motivo, dizia a crônica, foi duramente castigado. Suas unhas cresceram, seus cabelos pareciam arame, sendo, povo apelidado o “bicho que esporeou a mãe”. Um retrato desse monstro foi executado em um banheiro de Miguel da Mota Maia pelo pintor boêmio – Zeca Paca. Esses

banheiros, pagavam anualmente, à Prefeitura de Aracaju, sete mil réis de impostos...” (SANTANA,1999, p.368).

Isto alerta para os problemas que os governantes e a população, principalmente a camada menos abastada, haveria de encontrar comumente. O terreno escolhido para implantação da nova capital era impróprio, alagadiço, pantanoso e por isto causador de diversas doenças. E foi, por diversas vezes, denunciado no Jornal do Aracaju a necessidade de requerer das autoridades melhorias na forma de aterros para um bem estar da população, como também para dar continuidade ao planejamento da cidade.

As medidas higiênicas surgem em Aracaju primeiramente com o propósito de sanear as ruas através de aterros, da limpeza e da organização com a inclusão de obras civilizadoras nas moradias como, construções de calçadas e muros. Também novos hábitos com a sujeira deveriam ser incluídos no dia-a-dia dos aracajuanos no que dizia respeito ao despejo dos dejetos não mais em fontes e rios e a manutenção da limpeza nos terrenos baldios evitando os focos de infecções e, portanto, diminuindo os riscos de aparecimento de doenças epidêmicas. Manter as casas limpas e aceadas, lançar objetos ou animais nas ruas e praças era passível de multa ou prisão do indivíduo.

Uma corrente de medidas voltadas ao controle das epidemias, tomando como base a medicina, mas com a inclusão também de novas orientações e modificações nos espaços físicos das cidades, auxiliaram na construção de uma proposta higiênica. Alertando e modelando os sujeitos para um novo estilo de vida, afastando o perigo das doenças através de medidas orientadas que surgiam para eliminar a sujeira, desde o deslocamento dos cemitérios e os matadouros do centro das cidades para longe do perímetro urbano, como a eliminação dos charcos através de aterros. Os discursos de ordenar os novos hábitos através do controle dos locais de despejos de dejetos, não mais nas fontes e rios são também formas de normatizar/orientar os sujeitos em novas maneiras de cuidar e limpar os animais, as ruas e suas moradias.

Art. 49. E prohibido o despejo de materiaes fecaes, lixo ou qualquer imundicie que possa prejudicar a saude publica no caes da Rua da Aurora podendo-se o fazer no rio, porém das 10 horas da noite em diante, e de modo que sem dificuldade possam taes imundicies serem revovidas pela aguas. O contraventor pagará multa de 10 mil rs. ou sofrerá 5 dias de prisão, responsaveis pelos escravos e criados, os senhores e patrões.

Art. 82. Diariamente serão varridos os açougues e lavados todos os seus utensis, como sejam cepos, machadinhas, serras, pesos, balanças, etc.” (Jornal do Aracaju, 05 de fevereiro de 1873).

AS “POSTURAS” E O JORNAL DO ARACAJU

Os códigos de posturas abrigavam medidas ditadas pelos vereadores responsáveis e, por conseguinte necessárias para organizar e limpar as cidades e incluir novos hábitos nos sujeitos quer fossem eles pensados na higiene, quer fossem eles pensados na civilização dos mesmos.

A civilidade⁵ da população é através do jornal compreendida como novos hábitos capazes de substituir antigos modos de falar, vestir-se, comportar-se corporalmente na cidade através da higiene ou de demais aspectos a serem regulados aos corpos. Extinguindo com isto o jeito “roceiro/matuto” impregnado nos indivíduos.

No que refere ao progresso este sempre esteve atrelado ao conceito de modernidade. Este foi um tema que fez parte das discussões em Aracaju desde a sua transferência e foi anunciado através do Jornal do Aracaju durante alguns exemplares do ano de 1871 na parte das “Conferências Populares”. As discussões sobre progresso estavam expostas em conceituação e entendimento da palavra, como também as diversas formas de sua aplicabilidade. O que se pode notar é que o progresso foi assunto importante para os governantes desde a ideia da transferência da capital bem como seu binômio com a dimensão do atraso como algo recorrente para a nova capital.

Procuremos, pois, saber o que é o progresso, e para isso vejamos como esta idea entrou no mundo, porque ella ahi entrou, e póde muito bem ser um facto. O nosso século tem uma justa altivez das descobertas da sciencia, das invenções da industria. O vapor e a electricidade renovaram a face da terra. Há em uma peça de Shakspeare um pequeno genio que se reputa mui habil, por que diz que em quarenta minutos passará um cinto em roda da terra, si este pobre geniozinho voltasse ao mundo, ele reconhecerá que está muito atrasado; a eletricidade não precisa de dous minutos para fazer mais do que ele. O progresso excedeu até as fadas de outr'oura (Jornal do Aracaju, 08 de novembro de 1871).

As discussões sobre o tema progresso eram vistas como um avanço quer fosse ele no sentido da moral, do intelectual ou da política. A ideia de construir um povo avançado nas descobertas científicas, comparando sempre com as novas possíveis descobertas. A modernidade por sua vez que tanto se buscava alcançar na construção da cidade anunciava a preocupação com a atualidade e o moderno, o novo, o belo, eliminando assim a feiura dos sujeitos e da cidade.

E é com a necessidade de civilizar a população, para um futuro progresso e o embelezamento da cidade para o combate a tantas doenças que atingiam os cidadãos, que entra em ação as atitudes dos vereadores comandadas pelas Câmaras Municipais e com isto,

⁵ (...) Civilidade significava “cortesia”, “urbanidade”, “polidez”, “boa educação”, “boas maneiras”, “delicadeza”, “etiqueta”, ou seja, tudo que se opunha à rusticidade grosseira dos setores sociais mais baixos. (VAINFAS, 2008. p. 143-144).

organizar a cidade com ações higiênicas. Higiene para a limpeza da cidade, para os sujeitos e das habitações, extinguindo assim, hábitos agora compreendidos como não civilizados do tipo: sujeira, zombarias, desordens, entre outros. É através dos Códigos de Posturas em Aracaju que se regulamentam algumas ações higiênicas relacionadas à população e a cidade. Tal legislação abriga proibições no que se referiam aos banhos, à diversão, a inclusão de novos hábitos, como o esporte e a organização da cidade no que se referia às feiras livres, aos aterros e as novas construções.

Competiam então, aos vereadores a responsabilidade de criar as leis que deveriam ser impostas aos cidadãos, baseadas nos discursos propagados na época em relação à limpeza e organização das cidades, com o propósito de tornar salubres as habitações, ruas e fontes. Embelezando através da limpeza e das novas construções de calçadas e ruas, afastando com isto as diversas epidemias que costumavam surgir e civilizando também os sujeitos baseando-se nos modelos europeus, tanto nos modos e hábitos, quanto na moda das vestimentas e das moradias.

O Jornal do Aracaju por sua vez, divulgava aos aracajuanos em seus exemplares na coluna das “Posturas”, em ordem numérica dos artigos que continham desde obrigações para a população em cuidados e construções com as ruas e suas moradias quanto a higiene das mesmas, como também regulamentos impostos aos sujeitos nos hábitos agora compreendidos como não civilizados. Eram ditadas leis para a manutenção da limpeza nas ruas e com exigências de que se construíssem calçadas em suas moradias, cuidados também eram divulgados em relação aos rios e as fontes, como forma de manutenção e para o embelezamento da capital .

Art. 51. Aquelles que se acharem embriagados, provocando desordens ou offendendo o socego e a moral publica nas ruas e praças da capital, serão recolhidos à prizão até serem restituídos ao uso de suas faculdades.

Art. 52. São prohibidas as vozerias e samba a noute, assim como as sentinelas e rezas em altas vozes a (...), sob a pena de despensão dos perturbadores do socego publico, e a prisão por 2 dias dos seus promotores, no caso de desobediencia à intimação respectiva (Jornal do Aracaju, 05 de fevereiro de 1873).

Assunto que se tornou uma constante no Jornal do Aracaju era o reconhecimento de que uma cidade ainda em construção, tinha necessidade urgente de adquirir soluções para a sua edificação com as novas construções baseadas nos códigos de posturas para as casas e ruas. Necessitava também, eliminar os problemas causados pelo terreno alagadiço, precisando da manutenção e criação de vários aterros nas ruas da capital, divulgados também através dos códigos de posturas da cidade.

Art. 47. Os proprietários de terrenos dentro da capital e suas imediações serão obrigados a aterrar ou dessecar os pantanos existentes nos seus mesmos terrenos vizinhos que lhes forem superiores, sob a pena de 30\$ rs. De multa e o duplo na reincidência, sendo marcado o prazo de 5 meses da publicação destas posturas para fazelo-o (Jornal do Aracaju, 05 e fevereiro de 1873)

Ao mesmo tempo em que o jornal anunciava aos cidadãos aracajuanos as leis que deveriam seguir, publicava também sobre a falta de organização dos fiscais das Câmaras Municipais e os vereadores responsáveis pela elaboração e vigilância dos códigos de posturas, no que se referiam à fiscalização e a falta de apoio das autoridades políticas. Um verdadeiro descaso nas aplicações de novas medidas saneadoras, principalmente no nivelamento e aterros das ruas para extinguir os focos epidêmicos das águas das chuvas que caíam e se concentravam nos muitos lugares da nova capital, formando verdadeiros charcos, e portanto, facilitando a aparição e propagação de doenças.

Ao passo que a cidade surge, inicia-se também a construção de um novo sujeito; civilizado e moderno pela necessidade de um futuro progresso. Seguindo as muitas orientações higiênicas divulgadas pelas autoridades políticas e baseando-se nas notícias que chegavam à capital, há um temor que outros surtos de doenças surgissem. As práticas divulgadas faziam referencia a uma convivência coletiva saudável tomando como referencia maior a dimensão da doença.

O discurso higiênico que se propagou na capital sergipana precisa levar em consideração que nem tudo que foi divulgado foi absorvido pela população por múltiplos fatores: a cidade não possuía um quadro de funcionários engajados nesses propósitos, havia apenas uma escola para os filhos das classes mais abastadas, há toda uma tradição rural trazida de São Cristóvão que comporta as possíveis punições anunciadas no Jornal. Há debate sobre a falta de Inspetores de Saúde; a população da cidade contava com um número elevado de escravos e leigos, que dificultava o entendimento das novas normas; o terreno não era favorável, existia a necessidade de aterros que contavam com a iniciativa dos governantes, entre outros. Havia um discurso higienista fervoroso, mas certamente não havia uma completa apropriação das medidas por parte dos cidadãos.

As mudanças mais significativas no processo de higiene na cidade de Aracaju tornam-se complexas e bastante apropriadas com a chegada de novas medidas relacionadas à salubridade da cidade que incluíam; construção de hospitais, implantação de laboratórios, canalização da água potável e construção das redes de esgoto, como tantos outros recursos que auxiliaram no combate as grandes epidemias. É relevante compreender que este processo

se arrastou por um longo período após o nascimento da capital.

Em Aracaju os primeiros médicos higienistas foram os Dr. Pedro Autran da Mota Albuquerque e o Dr. Guilherme Pereira Rebelo que tiveram a incumbência de um levantamento sobre a situação insalubre da cidade, cabendo a eles a elaboração de novas medidas higiênicas à mesma. A higiene da cidade dependia também de uma gama de preocupações com água e esta não era somente uma questão de Aracaju, mas de muitas outras cidades do Brasil. A água estava infiltrada em sua construção, fazia parte da cidade os rios permeavam a sua engenharia. A água sempre foi lugar presente no discurso da higiene, fossem nos banhos, nos abastecimentos públicos, nos rios ou nas habitações. VIGARELLO (1996) lembra que os cuidados com o corpo implicam aqui uma reestruturação total do mundo subterrâneo e do mundo aéreo das cidades. Foi a água, decerto, um dos fatores mais importantes da reforma urbana no século XIX. Com ela, tanto a alimentação como a “respiração” dos aglomerados foram alterados. A limpeza, portanto, envolveu o imaginário das cidades, sua tecnologia, sua resistência, também a serem capilarizadas.

É notável a grande relação que água possui com o discurso da higiene. Aracaju que teve o seu nascimento motivado pelas águas do rio Sergipe e travou conselhos, leis, e medidas para controle da higiene a partir da água. SANT’ANNA (2007) diz relativo aos usos dos rios e córregos da cidade de São Paulo que foi em meio ao cotidiano repleto de problemas desse tipo que diferentes maneiras de fabricar o asseio e de lutar contra o seu oposto tiveram lugar.

A limpeza reflete aqui o processo de civilização moldando gradualmente as sensações corporais, aguçando seu refinamento, desencadeando sua sutileza. Esta história é a do polimento do comportamento e também a de um crescimento do espaço privado e do auto-regramento: cuidados do indivíduo para consigo mesmo, ação cada vez mais estreita entre o íntimo e o social.” (VIGARELLO, 1996, p.2)

O discurso da água, da higiene, da doença e do divertimento foram noticiados como temas distintos no Jornal do Aracaju no período de 1870 a 1875. Tal entendimento produz um discurso da água que organizava, limpava e educava os sujeitos da mesma maneira que limpava a doença. O Jornal, ora ratifica a necessidade da dimensão pública do corpo ora normatiza suas relações íntimas para lidar com o cotidiano da água. Tais temáticas caminhavam juntas e possuem uma estreita relação com os desejos de um tempo, com da água e os sujeitos na cidade.

WATER AND RIVERS:

THE HYGIENE IN THE NEWSPAPER ARACAJU (1871-1875)

ABSTRACT

This research discusses the hygiene practices related to water and rivers in the city of Aracaju using as source the Journal of Aracaju. This journal was studied from 1871 to 1875. In the journal are evident educational practices provided to the bodies of Aracajunian with respect to hygiene and health, taking into consideration the importance given to water in the trajectory of the constitution of the city's history.

PALAVRAS-CHAVE: Aracaju, water, hygiene.

AGUA Y LOS RÍOS:

LA HIGIENE EN EL DIARIO ARACAJU (1871-1875)

RESUMEN

Esta investigación analiza las prácticas de higiene relacionadas con el agua y los ríos en la ciudad de Aracaju utilizando como fuente el Diario de Aracaju. Esta publicación fue estudiado desde 1871 a 1875. En el documento son evidentes las prácticas educativas proporcionadas a los cuerpos de aracajuanos en materia de higiene y salud, teniendo en cuenta la importancia que se da al agua en la trayectoria de la constitución de la historia de la ciudad.

PALAVRAS-CHAVE: Aracaju, agua, higiene

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARDOSO, Amâncio. *As Filhas da Peste: fome, morte e orfandade – Sergipe, 1855-1856*. Revista Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. n° 38/2009. P. 25-47.

GOELLNER, Silvana Vilodre; JAEGER, Angelita Alice. *Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

NUNES, M. T. A Mudança da Capital e as Implicações na vida Educacional Sergipana. *História da Educação em Sergipe*. São Cristovão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

SANT'ANNA, D. B. *Cidade das Águas: usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901)*. São Paulo: Editora SENAC, 2007.

SANTANA, José Lima. *História do Saneamento Básico em Sergipe*. Companhia de Saneamento de Sergipe – DESO, Aracaju: 1999.

VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Dicionário Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Jornais:

Jornal do Aracaju, 01 de fevereiro de 1873

Jornal do Aracaju, 05 de fevereiro de 1873

Jornal do Aracaju, 08 de novembro de 1871

Jornal do Aracaju, 05 de fevereiro de 1873